

Muitas vezes na tnuá objetivamos nos intelectualizar mais. Tentamos estimular a leitura e curiosidade a fim de que conheçamos melhor aquilo pelo qual vestimos a camisa e trabalhamos. Este, a meu ver, é um processo fundamental, mas, o ato da intelectualizar-se não pode ser algo desconexo da ação. Como disse o escritor uruguaio Eduardo Galeano: "Não sou guru de nada, nenhum grande sábio, nada. E além disso, te confesso: os intelectuais me dão pena! Eu não quero ser um intelectual! Quando me chamam de distinto intelectual, digo: 'Não, eu não sou intelectual'. Os intelectuais são os que divorciam a cabeça do corpo. Eu não quero ser uma cabeça que rola por aí. Eu sou uma pessoa, sou uma cabeça, um corpo, um sexo, uma barriga, tudo!" A dificuldade, porém, aparece no momento que temos que passar aquilo que aprendemos para a prática. O senso comum tnuati diz que falamos muito e acabamos não fazendo nada. Em parte eu concordo que poderíamos fazer muito mais, principalmente no que diz respeito às questões sociais. Mas também acho que muitas vezes não damos o devido valor ao que fazemos. Colocamos nosso judaísmo em prática no seio de nossas comunidades através da celebração dos chaguim e outros marcos judaicos. Promovemos shows como os de David Broza e Mosh Ben Ari que fortalecem as nossas comunidades e trazem elementos da cultura israelense para nossos chaverim, comunidades e para a sociedade mais ampla. Sem contar que, educamos cerca de 750 jovens ao redor do Brasil que acabam por se tornarem embaixadores do judaísmo, de Israel e de causas sociais pelos lugares onde passam. Enfim, não acho que caiba ficar listando neste momento os inúmeros impactos que vejo o Dror gerando no ambiente que nos cerca. Precisamos sim dar valor ao que fazemos, como também precisamos fazer mais, gerando a mudança que queremos ver no mundo.

-Daniel Torban, Merakez Chinuch Artzi

A práxis dá um sentido concreto aos valores na tnuá. Pode-se pensar natural que exista uma reflexão na realidade daquilo que é interior, mas pensar esse processo, sob a ótica da práxis, permite uma criticidade (e consciência) muito maior, que representa o próprio potencial da transformação que Paulo Freire fala. A reflexão vai se debruçando sobre a prática; vão se consolidando até que não se saiba mais diferenciá-las.

-Leonardo Litvin, Merakez Chinuch Mordim

Isso me lembra muito, além da ótica social de nós como movimento juvenil, uma passagem importante da Torá e até uma máxima que é "na'asse ve nishma" que significa "faça para então entender". Muitas vezes mal compreendida, essa frase não existe para que funcionemos como obedientes a D's ou a Torá, mas que exista sempre uma aliança

entre o estudo e a prática. Muitas discussões recheadas de promessas, como o Dudu falou, de nada valem. Nem o estudo sem prática, e nem a prática sem o entendimento. Acho que é isso, como movimento, que devemos buscar sempre, traduzido no valor da Práxis! "na'asse ve nichma" vem muito para mostrar que sem experiência não nos valemos completamente!

aí vai um texto em inglês que eu achei interessante e mostra essa relação e mostra que não é tão simplista assim! (http://www.myjewishlearning.com/holidays/Jewish_Holidays/Shavuot/Themes_and_Theology/Celebrating_Submission/Accepting_the_Torah.shtml)

-Juliana Esquenazi, Chaverá Hanagá Rio de Janeiro

A praxis deve estar presente na tnuá de forma geral. Por ser um ambiente educativo e uma espécie de sociedade alternativa, devemos buscar a prática das ideologias como forma de educação. Discutir idéias e prometer cumpri-las no futuro é se enganar, temos que começar a agir desde o momento em que acreditamos nelas. Por isso é importante perceber o seguinte. Acreditamos, como diz o estatuto 2012, que a aliá chalutziana é a realização máxima do chaver. Porém se quisermos ser chalutzianos, ou seja, buscar a mudança social, só quando chegar em Israel, estaremos nos enganando. É preciso ser ativo desde já!

-Eduardo Tolmasquim, Merakez Chinuch Rio de Janeiro

Falei com meu Amigo Aristóteles e ele comentou o seguinte: "(...) não foi por ouvir frequentemente que adquirimos a visão e a audição, mas, pelo contrário, nós as possuíamos antes de usá-las, e não entramos na posse delas pelo uso. Com as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as técnicas.

PRÁXIS

"É necessário não só conhecer o mundo é preciso transformá-lo." (Paulo Freire).

A práxis parte do princípio de que não existe ação sem reflexão, e nem reflexão sem ação. A práxis é a concretização de um através do outro, em uma relação de interdependência. Entendemos como reflexão o posicionamento crítico obtido pelo questionamento, não é apenas um simples conhecimento, mas uma conscientização que exige uma prática. Ação sem reflexão é ativismo, o que significa algo não transformador, que se aplica sem propósito, enquanto reflexão sem ação é verbalismo, apenas palavras vazias e ineficazes, que não modificam nada.

A essência humana mais básica é dar um nome ao mundo, isso significa opinar sobre o mundo, mas a opinião não se dá somente através de palavras, mas envolve necessariamente ações.

A práxis é extremamente importante na educação, pois está relacionada à dugmá ishit, que consiste em uma das ferramentas mais efetivas na educação, é no convívio e no exemplo que se encontra a nossa possibilidade de mudança. Alcançar a práxis significa transparecer seus valores e pensamentos no seu comportamento, quanto mais próximos da coerência entre o nosso discurso e os nossos atos, mais verdadeiros somos com nós mesmos e com nossos educandos.

É necessário colocar o nosso discurso em prática não só na tnuá, mas em todos os âmbitos das nossas vidas e no nosso dia-a-dia.

Torá Educativa

Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo (...) Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos (...) - Aristóteles, Ética a Nicômaco

-Eduardo Kives, Chaver Hanagá Artzi